

BREU

(estreia 2007)

Coreografia **Rodrigo Pederneiras**

Música **Lenine**

Cenografia e Iluminação **Paulo Pederneiras**

Figurino **Freusa Zechmeister**

(duração: 40 minutos)

Do breu da caixa do teatro, a primeira imagem é de devastação. Tombados no chão, os corpos dos bailarinos estão inertes. Por alguns instantes, o único movimento é incorpóreo: sugerindo uma desolação, um deserto, uma paisagem inóspita, um vento estéril varrem o espaço cênico. Nos 40 minutos a seguir, *Breu*, construído a partir da densa e lancinante trama sonora urdida por Lenine, vai falar do negror dos nossos tempos.

E começa pelo Fim. Ao sair da inércia, os bailarinos se jogam numa virulenta, angulosa e demolidora partitura de movimentos composta por Rodrigo Pederneiras.

Divirta-se

Quando Rodrigo Pederneiras convidou Lenine para compor a trilha do novo espetáculo do GRUPO CORPO, fez apenas duas recomendações. A primeira foi: “Eu preciso de 40 a 50 minutos de trilha”. E, a segunda: “Divirta-se”. O instrumentista, cantor e compositor pernambucano reconheceu naquelas instruções, proferidas com um misto de provocação e doçura, o mais eficiente dos combustíveis para a criação: a liberdade.

E, ao longo de seis meses descontínuos, ‘ submeteu-se’ sem reservas à ‘ordem’ do coreógrafo. Como costuma fazer na concepção de um disco de estúdio, Lenine recorreu a seu banco de ruídos em busca de elementos para compor a ambiência sonora da trilha. E deu com o arquivo onde armazenava os ruídos dos brinquedos sonoros de seus filhos, colecionados ao longo de anos.

Foi curiosamente esse o ponto de partida para a composição da trilha de *Breu*, que se investiria de um inesperado peso e de uma estranheza que levou Rodrigo Pederneiras a eleger como tema do balé a violência e a barbárie dos dias que vivemos.

Com um pé no melhor da tradição musical do Nordeste brasileiro e outro na modernidade, a música criada por Lenine para o GRUPO CORPO combina uma vasta gama de timbres, samplers, efeitos, citações e estilos, na construção de uma instigante babel sonora, concebida como uma peça única, de oito movimentos, onde têm lugar o caboclinho e o hard rock; o corne inglês e o derbak (instrumento árabe de percussão); a bateria do ex-Sepultura Iggor Cavalera e a flauta medieval francesa occitane de Claude Sicre, líder do grupo Fabulous Trobadors, de Toulouse.

Cidadão do mundo, mas inapelavelmente pernambucano, Lenine homenageia duas expressões da cultura musical de seu estado natal. Em *Briga de Cachorro Grande*, faz alusão a um clássico dos ternos de pífanos imortalizado pela Banda de Pífanos de Caruaru, *A Briga do Cachorro com a Onça*. Só que, em lugar do duelo entre dois pifes, ele coloca no centro da disputa dois “cachorros grandes”: o trombone de Bocato e o trompete de Cláudio Faria. Em *Secular*, o músico rende um tributo aos cem anos de frevo, recheando o tema com excertos de frevos famosos, devidamente reprocessados por seu caldeirão sonoro – “Não são eles, sabe? São quase eles”, define. Não por acaso, entre edições, delays e efeitos, a faixa conta com participação da nada convencional Spok Frevo Orquestra, do Recife, e, lá pelas tantas, tem a tradicional batida da caixa do frevo substituída pela levada tribal da bateria de Cavalaria.

Sem uma letra sequer, para não dividir a atenção do espectador, a trilha, gravada em quatro estúdios entre Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, tem produção assinada pelo próprio Lenine em parceria com o guitarrista Jr Tostoi – com quem divide também a parte de programação, edições e samplers.

A imagem do som

Para expressar em movimentos a virulência (in)contida na trilha sonora de Lenine, Rodrigo Pederneiras e os bailarinos do GRUPO CORPO se lançam na rispidez, na angulosidade dos movimentos e na ocupação reiterada do chão. A brusquidão das quedas e uma penosa morosidade nas subidas parece condenar os corpos ao solo. Movem-se com o auxílio da pélvis, dos pulsos, dos cotovelos, dos joelhos, dos tornozelos, dos calcanhares.

Nesta desconcertante configuração do corpo no espaço, os bailarinos encarnam a brutalidade do agressor e o suplício da vítima. Para se manter de pé ou ficar por cima, é imperativo encarar o outro como inimigo. O individualismo, a incomunicabilidade, o triunfo a qualquer preço, a disposição para o confronto como estratégia de sobrevivência – que vêm ganhando contornos quase apocalípticos neste início de milênio – parecem reger a movimentação dos bailarinos no decorrer dos quarenta minutos de *Breu*.

Numa subversão da função original da caixa-preta do teatro – promover a anulação dos limites físicos do palco –, Paulo Pederneiras recobre o chão de um linóleo negro e brilhante e emoldura o espaço cênico com cerca de 1800 placas de 40 cm x 40 cm, igualmente negras e brilhantes. Confeccionadas em fibra de vidro, bisotadas e dispostas lado a lado com precisão, elas revestem toda a extensão da rotunda e das pernas do palco, adquirindo assim a frieza das superfícies azulejadas e a capacidade de refletir a luz.

O brilho e a geometria inspiram também os figurinos dos bailarinos por Freusa Zechmeister. De malhas inteiriças e todo em preto e branco, o figurino tira proveito do jogo constante de frente e costas da coreografia: divide ao meio o corpo do bailarino. Na frente, preponderam estampas geométricas variadas; as costas ganham, de alto a baixo, um negro intenso e brilhante.

Na incidência da luz, o brilho da malha ressalta as formas, fazendo com que, aqui e ali, os bailarinos se misturem ao cenário, emprestando volume e sinuosidade à sua estética retilínea e bidimensional. Tênis off-white de solado preto, com reforço nas laterais para absorver o impacto, sublinham a estranheza da música e se destacam no balé onde até o frevo é quase todo dançado no chão. Muito pancake para suprimir as linhas e a expressão do rosto, sombra escura nos olhos, batom negro nos lábios e uma faixa branca horizontal na linha das sobrancelhas completam a caracterização dos bailarinos.